

DUAS ALEGRIAS

* Roberto Rodrigues

Cruz Branca do Meio, como já sabemos, fica num cerradão ruim, manchado, onde tem uma área bem grande de terra muito fraca, cheia daqueles arbustos cascudos e retorcidos que o povo chama de girabrequim, coalhado de um coqueirinho típico de acidez do solo, o indaiá...

Naquele tempo, anos 60, ninguém queria aquela terra, nem de graça. Tinha até um ditado que dizia: “cerrado, nem herdado nem ganhado”.

Certa vez, um doutor veio da cidade grande atrás de uma menina do Meio que estudava para professora: estava apaixonado pela caboclinha esguia, cor de canela de nhambu, moreninha sestrosa e cheia de dengo. Pai dela, o Zepa, estava quebradinho, era dono de um pedaço daquele cerradinho triste, dizia que “nem lagarto verde tinha lá”... Lutava havia anos com umas vaquinhas raquíticas que roíam os brotinhos do cerrado e um capinzinho muxiba que não dava para nada: comiam o dia inteiro, mas não rendia, não fazia volume, e davam menos de 2 litros de leite.

Doutorzinho enrabichado e endinheirado, vendo a miséria da família da menina, propôs sociedade: ia trazer agrônomo, melhorar o solo, o proto-sogro ressuscitou da letargia dos anos sofridos e topou. Rapaz ficou alegre.

Negócio feito, escritura passada, dinheiro no banco, Zepa reformou o guarda roupa da patroa e da filha, arrumou a dentadura que estava gasta, comprou dois pares de botina e mudou para a vila, num casebre no fim da rua principal.

A mocinha logo se engraçou com um estudante de direito da cidade grande, desprezou o doutorzinho e deixou-o com os abacaxis da terra ruim e do sócio inerte.

Mas o rapaz era de opinião e não afinou. Trouxe o técnico, este sim, afinou quando viu o tamanho do bagulho. Meio sem jeito, disse ao pobre investidor:

- “Doutor, um homem com 100 alqueires desta terra e uma mulher brava em casa, só sumindo”... E se mandou.

O moço insistiu, trouxe outro técnico, desta vez um sujeito mais errado, conhecedor de truques e novidades para terra ruim.

Logo ele viu que a coisa era mesmo feia, e constatou que o Zepa tinha mais um sócio, a saúva.

A fazendinha era um formigueiro só, e estava claro por que não sobrava capim para as leiteiras: qualquer brotinho que aparecesse, lá iam as formigas cortadeiras carregar para as milhares de olheiros que infestavam a área.

O técnico coçou a cabeça, viu que com o sistema tradicional de bombinha de formicida levaria um século para acabar com aquilo, e se lembrou que estava chegando um trem novo, um tal de formicida granulado. Mandou buscar, aprendeu que se jogam tantas gramas por metro quadrado de formigueiro. Fez umas colheres com lata de extrato de tomate cujo conteúdo dava exatamente para 1 metro quadrado. E explicou ao Zepa e sua turminha: medir o formigueiro em forma de cruz, multiplicar uma perna pela outra, dá a

metragem quadrada. E, para cada metro quadrado, uma latinha daquela, colocando as iscas granuladas no carreiro. Ia ser tiro e queda. Aplicou direitinho umas tantas latas para todo mundo ver e foi embora.

Voltou depois de 10 dias, e ficou sabendo que só os formigueiros que o Zepa cuidara não tinham morrido. O resto era um sucesso só.

Delicado, levou o Zepa a um formigueiro, mediu a metragem e pediu que ele fizesse a aplicação.

Paciente, Zepa se sentou no maior murundum, abriu o pacote do granulado, esparramou no chão e começou a contar os grãos. E pôs tantos “grãos” quantos gramas deveriam.

Era mesmo uma besta.

A segunda alegria do doutorzinho foi quando, anos depois, vendeu sua parcela daquele cemitério de formigas.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**